



Taxa Paga  
Portugal  
Contrato 536425

Correio  
Editorial

AutORIZADO a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.

Autorização DEO032207CE



# Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

19 de Dezembro de 2020 • Ano LXXVII • N.º 2003  
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## BENGUELA – VINDE VER!

### O nosso Padre Manuel António Nasceu para o Céu

FOI no domingo de manhã a seguir à santa missa, ao consultar o telemóvel, encontrei uma mensagem do Padre Rafael que dizia: “*padre Quim liguei para saber se já te informaram que o nosso padre Manuel António, partiu para a Casa do Pai nesta madrugada. Unidos na oração pelo nosso irmão. Um abraço para você e para os nossos rapazes*”. Fim de citação. Naquele momento o meu pensamento desfalecido transportou-me para o mosteiro Mãe de Deus, onde o padre Manuel rezava a missa ao longo dos anos que cá esteve. A oração foi o meu conforto. Voltei a casa onde já estavam muitas outras pessoas também já em lágrimas.

A morte é uma realidade sempre presente, mas quando chega a derradeira hora da partida deixa saudades e abala os fundamentos do sentido da nossa existência. Foi a experiência que vivemos nestes dias depois de termos tomado conhecimento da passagem do senhor Padre Manuel António deste mundo para a Casa do Pai. Foi com dor e lágrimas que os filhos de Benguela tomaram conhecimento do passamento físico daquele homem que em vida foi pai de todos os filhos desta terra de Angola e não só. A sua passagem pela nossa terra, deixou marcas que jamais se apagarão da memória do nosso povo. A sociedade benguelense sente nesta hora um vazio imenso, os filhos da Casa do Gaiato perderam um pai no verdadeiro sentido da palavra. Um pai que revelou a paternidade de Deus, e mostrou aos seus filhos que Jesus é o caminho para chegar ao Pai.

Nestes dias de dor e luto, foi grande a manifestação de amor e carinho que recebemos da sociedade benguelense, de todos os missionários e missionárias que durante o tempo em que conviveram com o senhor Padre Manuel experimentaram a sua bondade e o seu amor preferencial aos pobres. Em nenhum momento nos sentimos sozinhos, vieram palavras de conforto para nos consolar de tamanha dor e pranto.

As cerimónias fúnebres foram realizadas no centro da nossa aldeia. Foi à volta do cruzeiro. O altar na parte de cima presidia. Flores e velas acesas também em volta da sua fotografia. Santa missa no Mosteiro, uma hora depois ao anoitecer do domingo outra santa missa pelo seu eterno descanso contando com todos os missionários e todos os nossos gaiatos novos e antigos. Grande manifestação de fé na ressurreição e amor para com aquele que amou muito mais a cada um dos presentes. Na segunda-feira foi

Continua na página 4



## DA NOSSA VIDA

### Padre Manuel António deixou-nos

ERA homem de uma só ideia. Quatro verdades ou realidades a compunham e estavam no início do seu dia e com elas o terminava: o Nome de Jesus, Pai Américo, a Obra da Rua e a Casa do Gaiato de Benguela. A ordem poderia ser outra, mas estas quatro realidades estariam sempre presentes.

Vivia obcecado pela sua “querida Casa do Gaiato de Benguela”: os Rapazes, os trabalhadores da Casa, os pobres e crianças dos bairros, a Igreja diocesana. Bendita e dolorosa obsessão que o apaixonou em toda a sua vida de Padre da Rua.

A independência das colónias portuguesas trouxe-o para Portugal no apogeu da sua idade adulta. Encontrei-o pela primeira vez nessa circunstância. Retive uma frase sua: «Nós precisamos de entusiasmo na vida!» Eram as saudades de Angola e do seu povo a quem se referia muitas vezes nos seus escritos. Não esperou muito pelo regresso. Aguardavam-no muitos de braços abertos.

O primeiro encontro com Pai Américo marcou profundamente. Sempre que a propósito o recontava, acompanhado de um cigarrito, enquanto a saúde permitiu, tal como Pai Américo fazia habitualmente: Tinha vindo para Cête, nas férias, participar numa colónia de rapazes que aí decorriam. Estando a dois passos de Paço de Sousa deslocou-se lá e manifestou a Pai Américo o desejo de entregar a sua vida sacerdotal, que começaria em breve, à Obra da Rua. Seu Bispo, D. António Ferreira Gomes, no dia da ordenação, enviou-o para servir na Obra e sublinhou o gesto com a manifestação do seu próprio desejo de que como gostaria que houvesse mais padres para servir os pobres.

Foi o principiar de uma vida com o pensamento e as palavras de Pai Américo à flor da pele, da sua doutrina, dos seus princípios e pedagogia, enaltecendo o amor pelos pobres.

A Obra da Rua, no seu pensamento, era uma grande árvore cujos ramos correspondiam às várias Casas. Muitas vezes se serviu desta imagem quando se referia ao Calvário, que ansiou ver replicado em

Angola, como um dos ramos, muito importante, da Obra da Rua.

Toda a vida, por mais longa que seja, tem seu termo e realização. A morte é a maior verdade da vida. Mas, para quem crê, a Vida é a maior verdade da morte. Padre Manuel António, não muito antes de nos deixar, passou o testemunho da sua caminhada ao Padre Quim, que já há alguns anos partilhava com ele os trabalhos da Casa do Gaiato de Benguela. Esta passagem é um momento doloroso e crucificante, mas também está marcado pela esperança e confiança n’Aquele que foi o alicerce e o Mestre da construção da sua vida: o Santíssimo Nome de Jesus.

Padre Júlio

## SINAIS

O nosso P.e Manuel António partiu para o Pai — confor-  
mado em tudo com a vontade do  
Senhor!

Na vida e na morte — só visível  
uma lágrima furtiva e amorosa,  
no momento da Extrema Unção.  
Como na vida também na morte,  
somentemente a vontade de Deus!

Quando jovem, tinha a aparên-  
cia de um menino quando brin-  
cava à bola com os mais peque-  
ninhos. Menino de Deus a Quem  
deu tudo — tudo ao Senhor pela  
Obra da Rua. Montanha de força  
e amor...

Quando a Obra optou por Casas  
em África, P.e Manuel, com dez  
gaiatos, embarca no *Rita Maria*:  
Fogão, louças, roupas e colchões,  
ferramentas e máquinas — rumo  
a Angola. Desembarcam em Ben-  
guela.

Em poucos anos nasce a Casa  
do Gaiato de Benguela. Centenas  
de rapazes são testemunho da sua  
própria maravilha.

P.e Manuel não para de sonhar.  
Sonha com um pedido das Mon-  
jas Dominicanas, para a cons-  
trução do seu Mosteiro. Deu o  
terreno e ajudou na construção.  
Uma bênção! Ele vivia diaria-  
mente essa bênção. Na hora da  
Santa Missa sua figura silenciosa  
saía do portão da Casa do Gaiato  
e entrava no portão das Monjas  
para, em comum, falarem com  
Jesus.

Lembra-te de nós, P.e Manuel e  
pede ao Senhor por nós — ainda  
peregrinos.

Padre Telmo

## MALANJE

NA manhã de 6 de Dezembro acordá-  
mos com a triste notícia do fale-  
cimento do nosso Padre Manuel António.  
Como na maior parte das vezes, ninguém  
conta com a partida de um ente que-  
rido e neste caso ela se cumpre uma vez  
mais. Se me pedissem para destacar três  
aspectos do Padre Manuel António, esco-  
lheria estes: um Homem que soube unir  
duas realidades que por vezes parecem  
inconciliáveis, como a oração e a acção;  
um Pai que sempre viveu com “coração  
de pai”, como o Papa Francisco intitula  
na sua nova carta apostólica; um Sacer-  
dote totalmente apaixonado pelo Padre  
Américo e seu ministério de serviço aos  
Pobres.

Angola também lamenta a partida de um  
dos fundadores da Obra da Rua nestas ter-  
ras e centenas de gaiatos reconhecem-no  
como um verdadeiro Pai. Também tantos  
Pobres que durante décadas encontraram  
no Padre Manuel António o seu abrigo

e refúgio no meio das dificuldades e das  
guerras.

Em conversa com uma das pessoas mais  
próximas do nosso Padre Manuel, ela me  
disse que dois pedidos estavam sempre  
presentes em suas orações ao seu Jesus: o  
primeiro, as vocações dos Padres e Semi-  
naristas para a Obra da Rua, e o segundo,  
a unidade de todos os Padres. Certamente  
que do Céu e junto com o Padre Américo  
ele realizará esta e tantas outras necessida-  
des que a nossa Obra está a viver.

Por estes dias, dois dos nossos gaiatos  
pediram para sair da nossa Casa por moti-  
vos diversos, procurámos alertá-los das  
dificuldades que irão encontrar na vida,  
mas como está escrito: A nossa Casa é de  
portas abertas, não criamos rapazes doma-  
dos. Quanto estão por vontade própria,  
tudo é vencido pelo amor; quando estão  
contra a própria vontade, nem a comuni-  
dade, nem o rapaz saem beneficiados. Nes-  
tes casos tentamos encontrar um familiar  
próximo e entregamo-lo a ele.

Padre Rafael

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Padre Manuel “nosso Pai”

Expressão tantas vezes ouvida na voz cantada e sorridente das mães do Bairro da Graça.

Foram quase dezenas de anos que o P. Manuel acompanhou os seus filhos e filhas angolanos na dor e na alegria.

Numa eucaristia, no mosteiro das monjas dominicanas, um sacerdote, com emoção na voz, dizia de como foi marcante para a sua vida o seu encontro com o P. Manuel no acompanhamento espiritual do seminário. Muitos outros sacerdotes, que estavam nas terras do interior, ao passar por Benguela, vinham saudar o “pai”.

No início de cada ano escolar vinha o convite para que o P. Manuel fizesse o acompanhamento espiritual do 3º ano de filosofia. Convite sempre aceite com alegria e responsabilidade na formação de novos pastores.

Não regressavam para o interior e precisavam de casa.

Com adobes feitos por elas e, entre-ajudando-se, construíam a casa. Mas onde encontrar as chapas para as cobrir, é que a chuva aproxima-se? Combinavam o dia e lá ia o P. Manuel ao bairro com a fita métrica medir as paredes. As chapas pedidas nos armazéns ou compradas pela generosidade dos benfeitores cobriram muitas casas. E a porta? A carpintaria da Casa do Gaiato fazia.

Com razão muitas vezes diziam. “Sem a ajuda do nosso pai, as crianças teriam morrido, não teriam estudado...”

Pai na Casa do Gaiato.

Os rapazes chegaram a ser cento e cinquenta que, por necessidades urgentes, viviam na Casa do Gaiato, depois diminuiu o número para cento e quinze. O P. Manuel

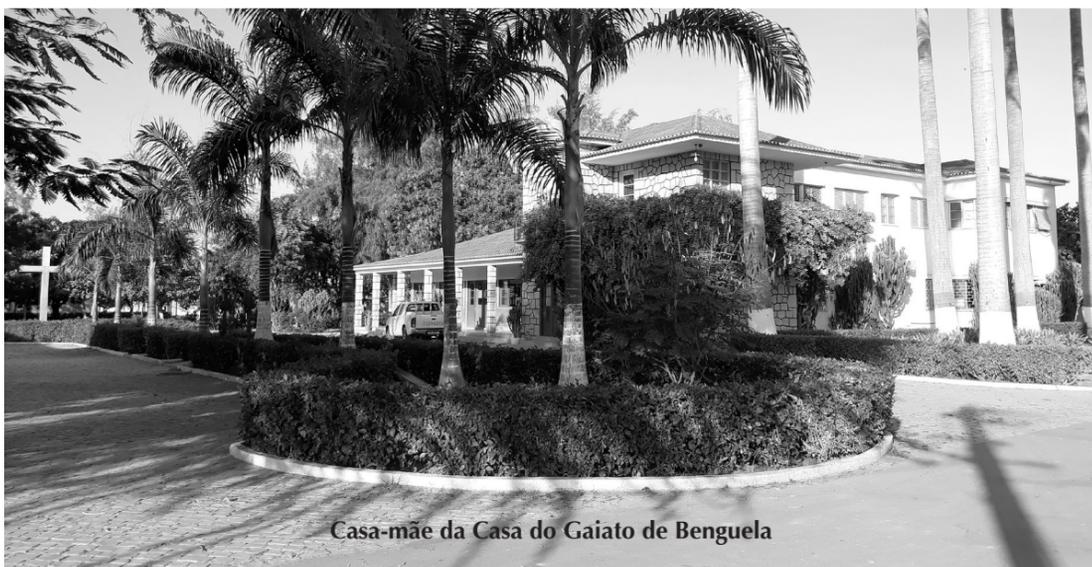
quanto é importante aproveitar o tempo de estudo. Passava para ver se os acompanhantes de estudo estavam nos seus lugares.

Também a vida espiritual dos rapazes era sua preocupação. Repetia as palavras de Pai Américo: “Pôr-lhes a mesa...” Todos os anos um grupo de seminaristas e algumas religiosas vinham colaborar na catequese.

Muitos grupos de escuteiros e outros jovens vinham ao fim-de-semana acampar. Sempre que possível estava com eles, para deixar a sua mensagem.

Foi por obediência e com dor que se afastou destes filhos a quem se deu sem reservas. Mas para o coração não há longe nem distância e enquanto fazia a sua caminhada, de terço na mão pela linda mata do Calvário, não vai só, caminha com todos eles, entregando-os ao Pai, que sempre foi a sua força e o seu refúgio.

Teresa



Casa-mãe da Casa do Gaiato de Benguela

Pai para as monjas de clausura, cujo portão fica face-a-face com o da Casa do Gaiato. Foram recebidas pelo P. Manuel em 1972, tendo o seu mosteiro sido construído em terreno que o sr. Bispo pediu à Casa do Gaiato e desde então foi sempre o seu capelão, “pai” como também elas lhe chamavam.

Comunidades de irmãs ou formadoras e suas formandas vinham, periodicamente, junto do P. Manuel para confissão e acompanhamento espiritual.

No período difícil da guerrilha muitas mães vinham do interior sem nada, apareciam apenas “com os filhos pendurados nos peitos secos”, como o P. Manuel costumava dizer.

Pediam ajuda. Dava. Mas achava que era mais educativo se colaborassem e, por isso, iam para a lavra do Gaiato. Chegaram a ser mais de cento e cinquenta pessoas e cada uma com o seu agregado familiar. Ao sábado levavam alimentos e sabão. Quando os filhos ficavam doentes o P. Manuel mandava-os ao posto médico e as despesas de consulta e medicamentos eram pagos por ele.

Os filhos e filhas não podiam ficar sem escola. Todos tinham lugar na que funciona nas instalações da Casa do Gaiato. Mas para isso tinham que ser registados e P. Manuel tratava disso.

Também as “mães”, muitas ainda jovens, não sabiam ler. Organizou turmas de alfabetização.

era o primeiro a levantar-se. Às 06h00 já estava a sair de casa para celebrar nas monjas. Ainda assim era o último a deitar-se e passava em todas as casas dos rapazes.

Gostava que as casas estivessem arrumadas e os jardins e espaços exteriores limpos e cuidados. Por isso ele passava e levava o chefe para ver onde era necessária alguma intervenção. Gostava de dizer às visitas, que se alegravam com o bom aspecto da aldeia: “O que está bem feito é obra deles. O que está mal também é obra deles, porque são rapazes não são anjos”.

O grupo de chefes era a sua preocupação, dizia-lhes que eram as colunas da Casa. Cada quinze dias reunia com eles para orientar e escutar o eco das suas preocupações.

Todos os domingos saía com a carrinha ou mini-autocarro para a praia ou passeio com os mais pequenos e aqueles que quisessem.

Jovens seminaristas, que por vezes vinham passar algum tempo para ver como era a vida no Gaiato, perguntavam-lhe: “O que vamos fazer?” A resposta era sempre a mesma: “Onde estiverem os rapazes, aí é o vosso lugar. No trabalho, no estudo, no desporto...”

O P. Manuel procurava estar sempre presente nas actividades comunitárias: refeições, oração, estudo. Sabia que, por vezes, a pouca idade não deixa ver o

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — «Tenho muita pena de não ter as facilidades que os jornalistas têm em escrever, porque se as tivesse havia de escrever muito que o meu coração sente sobre esta tão nobre vida vicentina.

Sim, tenho pena, porque havia de revolucionar todas as aldeias, as vilas, todas as cidades para que os jovens da minha idade se dedicassem com amor e carinho aos nossos irmãos que o mundo tanto despreza. Esse mundo que embora esteja a caminho de grandes progressos vai deslizando para o abismo do qual os homens não dão conta.» Pai Américo, *O Barredo*, p 209.

Este Natal é diferente dos outros natais, não basta ser pobre para também termos por companhia toda esta pandemia que a todos afecta. É muito difícil combatê-la com falta dos bens essenciais, são crianças e adultos que olham para o coração dos homens e mulheres de boa vontade. Os mais pequenitos, escondidos atrás dos pais, espreitam-nos e a medo dizem, é quase Natal e sorriem. Que os adultos também saibam sorrir neste Natal! É sinal de que os homens não têm medo desta pandemia, mas que a respeitam e a levam a sério.

## MIRANDA DO CORVO

**AGROPECUÁRIA** — O tempo arrefeceu muito e já vimos neve no cimo da serra da Lousã. Tirou-se o estrume das cortes das ovelhas e do galinheiro. Nas camas destes animais, colocou-se palha de aveia e mato, que se foi cortar nas nossas matas. Nasceram mais três cordeirinhos, mas dois deles (da mesma ovelha) morreram pouco tempo depois.

**ARRANJOS** — Nos momentos em que chove mais, tem-se aproveitado para ir dando algumas arrumações nas oficinas de serralharia e carpintaria, pois há materiais que têm de ser reciclados e outros serão para uso da nossa Casa. Fizeram-se os apoios do escorrega e alpendre do parque infantil, que irão ser implantados.

**BIBLIOTECA** — Nos últimos anos, houve alguns amigos que nos confiaram partes dos espólios de livros, por exemplo: um magistrado, em Coimbra; uma enfermeira, em Coimbra; e um advogado, em S. João da Madeira. Foram recolhidos com estima e colocados em armários comprados. Agradecemos e pedimos ao Pai celeste pelo seu eterno descanso.

Rapazes de Miranda

## BEIRE — Flash's

### Adeus P.e Manuel António

**1. Dos ‘bens da terra’ aos ‘Bens do Céu’.** Naquele dia, àquela hora, aquela palavra encarnou em mim e abalou as minhas distrações. Aquela palavra falou-me *Palavras de Vida Eterna*. Como terá acontecido a Simão Pedro, naquela *confrontação terapêutica* a que Jesus submeteu os *aprendizes de seguidor* do Divino Mestre “... se quereis ir embora, ide vós também” (Jo 6, 60-69)...

No final da missa, já com sabores a entrada do Advento, P.e Alfredo, concelebrando com P.e Telmo, convida (*‘Oremos!’*...) a assembleia para rezar com eles a *oração final*: “Saciados com o *alimento espiritual*, humildemente Vos pedimos, Senhor, que, pela participação neste sacramento, nos ensineis a *apreciar com sabedoria* os bens da terra e a amar os bens do Céu”. Aceitei o convite e fui *bebericando*, palavra a palavra, até ao fim — “Por Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo”. Mas aquele “apreciar com sabedoria os bens da terra e a amar os bens do Céu” ficou a estrelejar dentro de mim. Houve por ali alguma ligação com aquele versículo<sup>1</sup> da minha devoção, na *Oração do Aprender a Envelhecer e Morrer...* Talvez pela idade em que já navego e pela ameaça *covid-19*, que traz tanta gente por aí apavorada. Acho que há mais gente a morrer de susto que propriamente do vírus... Detenho-me neste pensamento:

Se, para lá de todos os cuidados propostos pela DGS, pelo Governo da Nação e secundados pelas orientações da Igreja, todos cuidássemos de andar bem “saciados com o *alimento espiritual*”, talvez a nossa mente pudesse ajudar melhor o nosso corpo a munir-se das defesas necessárias para

fazer frente a este inimigo que não poupa ninguém... Qual leão atrás da manada, busca a presa fácil que, porque não aguentou a pedalada do grupo, se deixou ficar sozinha *mesmo* à boca do lobo...

**2. À memória de P.e Manuel António.** Naquele dia em que fui tocado pelo “apreciar com sabedoria os bens da terra

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — De Maria B. C. Pimenta, quinhentos euros.

Em nome daqueles que ajudamos, um muito obrigado.

Desejamos a todos um feliz Natal e um ano novo cheio de bênçãos.

**O nosso NIB:** 0010 0000 4417 8020 0015 8.

**O nosso endereço:** Conferência S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4200-299 Porto.

Adelaide



## PÃO DE VIDA

## De mãos abertas

De graça recebeste,  
de graça dai [Mt 10,8]

NUM tempo tão inquietante, de confinamentos e muitos padecimentos, vamos caindo mais na [vida] real quando percorremos *vias-sacras* de enfermos, pois há tantas vidas que são *quaresmas permanentes*. Ultimamente, sentimos como muito próximas uma grande aflição de doente no Hospital Padre Américo... E ainda uma visita a débil enferma que deu a sua vida alegre por crianças, neste mundo tão carente de beleza. Aconteceu num Lar de Irmãs doentes, emoldurado por jardim muito relvado e em que sobressai um belo canteiro de rosas. Nessa comunidade acolhedora, que suspendeu as visitas devida à pandemia, foi autorizado outro encontro sentido e emotivo de despedida a uma linda Rosa, de Elvas. Contemplámos o seu rosto franzino de dores e as mãos pequenas, enrugadas de anciã e mais sumidas por neoplasia, num encontro celebrativo da União e do viático para a viagem eterna, pois *para Deus todos estão vivos!* Logo depois e tão bem, ergueu as suas mãos abertas, bem à vista de testemunhas próximas, exprimindo um sorriso nos lábios, por esse belo encontro com Cristo crucificado e vivo, escondido, mas realmente presente! Desde esse momento de saudade, passámos a olhar cada vez mais para as mãos que se nos apresentam, mesmo sem as tocar!

Como nos contou, vem a propósito recordar que, num certo dia áspero, depois da II Guerra Mundial, em tempo de priva-

ções, esta boa alma, com afazer discreto de cerzir roupas, em Paço de Sousa, se encontrou com Padre Américo, que lhe perguntou: — *Não tem frio?*... Nos anos trinta e quarenta, socorrendo misérias em Coimbra, no seu jeito tão original de retratar pobreza, revelou dolorosos lamentos. Sobre um caso exemplar, escreveu assim: *Um dos garotos da Casa do Gaiato, adorável como todos eles, declarou há dias que desejava ir dali para o céu, onde não há, disse, fome nem frio, males estes do seu conhecimento, aos quais deseja furtar-se. Esta criança de sete anos, sem dar fé nisso, afirma um dogma da Igreja, e declara um direito individual e imprescindível, qual é o de viver na terra sem fome nem frio* [Pão dos Pobres, II, 1942, p.114].

Neste Advento de céus cinzentos, tempestuoso e muito tristonho, para amenizar chegou notícia e imagem de um retrato lindo do Venerável Padre Américo, da autoria do conceituado pintor tirsense Avelino Leite. No âmbito eclesial já realizou belos trabalhos; e, entre nós, vem depois de *Uma história do Pai Américo* [com Padre José Alfredo], para marcar com a sua expressão artística cristã, simples e profunda, o 1.º aniversário da *declaração da heroicidade das virtudes do Servo de Deus Padre Américo*, pelo Papa Francisco, que culminou com sucesso as primeiras etapas [diocesana e romana] de um percurso decisivo nesta Causa de Beatificação, que tanto se deseja na Igreja em Portugal, orando e testemunhando a presença de Deus no mundo. A

caridade não morre nunca! Esta obra de arte cristã diz muito a quem sentiu e admira o seu bafo, e tem continuado o seu legado espiritual tão valioso. Tornou-se um desafio bem conseguido de aproximação artística ao rosto e carisma de Padre Américo, com uma paleta experiente nas abordagens religiosas. Na sequência de outros artistas que procuraram traçar ou moldar o seu rosto confiante e sorridente, é também obrigatório *olhar para os seus óculos*, ampliando os seus olhos ternos em fâcias de jovem. Sobressaem cores expressivas e suaves de filhos seus, cobertos pela sua larga capa e por entre as suas mãos abertas de *Pai Meco!*

Sendo um retrato feliz de *Pai-Américo*, é ocasião para avivar alguns sinais artísticos no seu intenso itinerário biográfico, entre Portugal e África. Na sua extensa obra escrita, de um realismo vivido, sem fantasias ou divagações, foi tecendo elogios, ao concretizar sonhos de justiça, a várias expressões artísticas que o encantaram, v.g.: os belos edifícios de granito, lançados na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, obras do Arq.º Teixeira Lopes e de canteiros rijos; as moradias simples do *Património dos Pobres*; as tradicionais *Alminhas*, como nos caminhos de Portugal; os painéis de azulejos, nas diversas Casas, como o retábulo da Capela de Paço de Sousa, que é emblemático — em *O Meu Testamento*. Ora, eis: *Ele é o índice. Se quiseres saber. Se quiseres procurar. Se queres penetrar no segredo da Obra, vai ao índice. Segredo Divino!* [O Gaiato, n. 127, 8 Jan. 1949]. Nesse painel, é retratado o resumo do juízo final: *O que fizeste ao mais pequenino dos meus irmãos, a Mim o fizeste* [Mt 25, 40].

Continua na página 4

e a amar os bens do Céu”, já P.e Manuel estava internado no Hospital P.e Américo, em Penafiel. E as notícias que chegavam não eram nada de animar. Começávamos a preparar-nos para lhe dizermos *adeus*, uma forma popular de dizer *larga e deixa a Deus*<sup>2</sup>. Talvez também *ISSO* somasse ao peso que *aquelas* palavras tiveram em mim. Realmente, quem *com+VIVEU* mais de perto com P.e Manuel, depressa se dava conta de quanto ele era mesmo um *sábio* no “apreciar os bens da terra”. Já doentinho e a comer *dieta comedida*, à mesa connosco, mal chegava qualquer coisa que cheirasse a *comida e/ou bebida especial*, era constante sair-lhe um — *o que é isso?!...* Às vezes parecia mesmo um ‘menino guloso’ a ver se lhe calhava só um *bocadinho d’aquilo, para eu provar...* Era uma boa companhia na nossa mesa.

Entretanto, apreciando como apreciava “os bens da terra”, nunca o vimos ‘preso nas margens’... Sempre seguia o curso do ‘alimento espiritual’ — *amar os bens do Céu*. E, se alguma coisa corria mal na relação com os “bens da terra”, logo se lhe soltava um bem sentido *oh, meu Jesus, perdoa-me se vos ofendi*. Assim, com toda a simplicidade, diante de nós, que rezávamos com ele a *Oração das Horas...*

Na *Eucaristia* e no seu *Breviário* tinha ele o seu coração. Estava n’*ISSO* o seu tesouro. Nele se cumpria à risca aquele ditado tão humano e tão divino de que *onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração* (Mt 6, 19-23). Ou aqueloutro, também da escritura — *da abundância do coração, fala a boca* (Lc 6,45).

**3. Também na morte** *A Vida é Bela...* Porque nada havia que falasse de *covid*, o HPA deixou-nos trazer o corpo de P.e Manuel para ao pé de nós. Somos a sua *família da Obra da Rua*, a quem dedicara toda a sua vida. Depositado naquele emblemático *espigueiro* Capela do Calvário, celebramos com ele ali na nossa frente a ‘missa de corpo presente’. Esteve connosco desde o fim da manhã de domingo até 2ª de manhã, altura em que, junto com os *Rapazes da Casa*, rezamos a *Oração de Laudes*, que ele tanto gostava de rezar connosco. Porque a *oração em comunidade tem mais força*, repetia vezes sem fim. — *Quanto mais gente, mais força tem, filhinhos!...*

Depois fomos levá-lo à igreja onde fora baptizado, fez a primeira comunhão, (...), para depois enterrar lá onde estão enterrados os seus pais. D. Manuel Linda, Bispo do Porto, brindou-nos com o seu presidir à Eucaristia, concelebrada por uma boa representação de sacerdotes a quem P.e Manuel também tocou, pela sua dedicação à Igreja, que para ele se revelava no serviço às crianças mais pobres — *os meus filhinhos!*

Foi um *Adeus (deixa a Deus!...)* na alegria de uma Fé viva e operante.

1 — Aqui têm o tal versículo: “De mãos dadas contigo, *Abba*, quero aprender a reconhecer, aceitar, cultivar e saborear as ‘coisas boas’ que a vida ainda tem para mim”...

2 — Este é um lema dado às Famílias Anónimas, frente àquela dura realidade de que, enquanto ele/a não decidir curar-se, somos de todo impotentes para o/a salvar — *larga e deixa a Deus, antes que também tu fiques apanhado nessa doença de família...*

Um admirador

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

CONFUNDI com outros o pedido daquela senhora que me implorava o pagamento de duas janelas para a sua casinha e pensei mesmo que já as tinha pago.

Quem normalmente me faz estes trabalhos para os pobres é um infeliz serralheiro, cuja oficina faliu, ficou a dever às entidades oficiais, perdeu a capacidade de abrir conta nos Bancos e emitir cheques e recibos. Assim, tenho de lhe pagar em dinheiro.

Ela alugou uma casa pré-fabricada, com as janelas podres e a porta da entrada no mesmo estado.

Coberta com telha de lusalite, largos e fundos canais, alguns já partidos, com dezenas de anos que alojaram naturalmente famílias pobres, saídas das barracas, mas agora desatualizadíssimas, as quais, ocupam um enorme espaço onde se poderiam construir prédios semelhantes aos que as ladeiam, onde poderiam viver pelo menos mil famílias, enquanto ali vivem cerca de cinquenta, aliviando assim a terrível pressão dos preços das casas e dos lucros insaciáveis de alguns senhorios.

Porta tenho eu, janela à medida não, por isso a senhora arranhou uma oficina que lhas fez e assentou. Demorou algum tempo a tratar do assunto, daí o meu esquecimento.

Normalmente, o que dou aos pobres são objectos bons: janelas de PVC, com vidro duplo, mais caras, mas muito melhores.

Eu não sabia a história da queda na pobreza desta senhora, mas agora fiquei a sabe-la. Já vivera de cara levantada numa casa comprada com empréstimo ao Banco, com carros e negócio, tudo em ordem, menos a saúde e uma filha que sofre de esclerose. O marido ganhou o vício do jogo e nele, perderam tudo.

Alugar casa na cidade? Como? A única saída foi deixar o marido com as suas iniquidades e alugar num bairro da Amora, por 150€/mês, uma casa velha onde se acolheu com os filhos.

Perdeu o emprego, tem apenas o rendimento mínimo que pouco mais vale que a renda da casa.

Trazendo as facturas e o recibo das janelas, veio desabafar que a casa mete água, sobretudo nos dias de chuva cerrada e abundante. Que as telhas humedecidas deixam passar água que corre em pingos grossos por baixo da cobertura.

Pôr janelas de boa qualidade numa casa em ruína é também pôr um remendo novo em pano velho, como reprova a Palavra de Jesus no Evangelho.

Tenho de lhe pôr um tecto novo, moderno, quente no tempo frio e fresco no verão. Tive mesmo que ir ver. Também para me inteirar da saúde da filha.

Peguei no carro, na senhora, e lá vou eu ver “*para cheirar*”, como pede o Papa Francisco, a casa e a menina. Esta sofre de esclerose múltipla e não tem sido tratada por especialistas. Com muito tempo de cama, perdeu a escola e agora, com um corpo de mulher, está ainda a fazer a quarta classe. Nem uma cama, nem colchão adaptado à doença. Nada. Como se nada se tratasse.

Vai agora a um especialista. Dei-lhe 100€ em dinheiro para a mãe pagar uma consulta particular.

Verdadeiramente os meus olhos caíram sobre a adolescente, curvada, tão bonita e doeu-me a alma. 15 anos! Na flor da idade e naquele estado.

Vou-lhe pôr o telhado, apesar de 3.000€ da colocação, e comprar o material.

O dinheiro há-de vir. Deus não dorme. Eu não posso acomodar-me à sua falta. Confiamos, andando para a frente.

Vai levar telhado, portas interiores, arranjo nas paredes e na altura das portas que chegam ao tecto. E o Natal há-de sorrir-lhes.

Padre Acílio

## Das Normas de vida dos Padres da Rua

«São apaixonados de Cristo. Podem não ter carismas sensíveis, nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas são da mesma paixão e gastam-se como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo» [Ponto 17].

«Os «padres da rua» são, por natureza, o Pai de Família, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte» [Ponto 36].

PAI AMÉRICO



SEDE DO EDITOR: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa  
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo  
N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 14300

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

## PELA CASA DO GAIATO DE SETÚBAL...

COM esta designação, queremos fazer eco da vida comunitária que vamos experienciando em todos os momentos da caminhada pela nossa Casa do Gaiato, entre os sadinos...

Os desafios que se vão impondo nos dias de hoje, a qualquer pai ou mãe, no acompanhamento das suas crianças, exponencialmente surgem nesta família, quer pelo número, quer pela idiossincrasia dos rapazes que hoje são os nossos filhos. Mas também pela variedade de experiências e de situações anteriormente vividas, donde resulta a necessidade de cada um de nós, os padres da Rua se orientarem, conforme escrevia o Sr. Bispo de Setúbal, no documento da minha nomeação para diretor, pelo “exemplo e a tradição do Pe. Américo, com olhar atento e coração sensível aos problemas, desafios e esperanças que eles (os rapazes) encontram nos nossos dias.”

Neste primeiro “rabisco” para “O Gaiato”, não podia deixar de reconhecer a enorme admiração pela imensa obra realizada pelo Sr. Padre Acílio, o “pai” desta casa, por tantos e tantos anos que aqui tem dado em plena entrega, e com uma total e abnegada dedicação aos rapazes. Missão

## BENGUELA VINDE VER!

Continuação da página 1

a missa das exéquias, na hora em que foi o funeral em Portugal — Trofa sua terra natal. Padre Manuel deixou-nos e entrou na festa do Céu, naquele banquete preparado por Deus, onde a alegria não tem fim, onde a vida é eterna.

Padre Manuel António respondeu ao convite dirigido por Jesus “*Vinde, benditos de meu Pai; recebi como herança o reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer; tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e Me recolhastes; não tinha roupa e Me vestistes; estive doente e viestes visitar-Me; estava na prisão e fostes ver-Me.*” (S. Mateus 25,31-46).

A comunicação social perguntou-me como podemos caracterizar a figura do padre Manuel? Foi um Pai que viveu imitando a paternidade de Deus, a compaixão pelos pobres, defensor dos oprimidos e das causas sociais do nosso povo.

A conclusão é do Santo Evangelho Segundo S. Mateus “*Vinde a mim, todos os que andais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.*” (Mateus 11, 28-30).

Descansa em Paz Pai.

Padre Quim

esta que tem sido reconhecida em diversas ocasiões pela sociedade setubalense, tal como a homenagem inteiramente merecida e de grande reconhecimento que as instâncias maiores deste concelho lhe conferiram, atribuindo-lhe a medalha honorífica da “paz e liberdade”.

Igualmente tenho de referir as generosas palavras do Sr. D. José Ornelas: “Nesta ocasião exprimo o mais merecido apreço e profunda gratidão pela ação social e apostólica realizada pelo Pe. Acílio da Cruz Fernandes, pela inestimável obra de promoção humana e evangélica mão estendida aos mais carenciados da sociedade, nesta península de Setúbal. A memória do seu serviço aos mais pobres continuará viva na Diocese de Setúbal, que ele acompanhou desde a sua criação e à qual dedicou a maior parte da sua vida”.

Pelo tempo de presença nestas

aprazíveis terras da margem sul, tenho-me deparado com agradáveis surpresas, particularmente pelos incontáveis e generosos amigos e benfeitores com que a Casa do Gaiato de Setúbal pode contar. E não apenas pela generosidade da partilha de bens, mas igualmente pelo apreço e carinho que manifestam pelo “pai” da casa e por todos os gaiatos que aqui têm aprendido a construir a sua existência, com vista a um futuro mais risonho...

Esperamos não defraudar toda esta dinâmica, e com a colaboração de todos, as senhoras que trabalham na casa, os gaiatos trabalhadores, os “ajudadores” incomparáveis, os antigos e actuais rapazes, queremos continuar a acreditar que com a verdade, no amor e na justiça continuamos a ser uma verdadeira FAMÍLIA.

A todos desejamos um Natal de Jesus, Maria e José testemunhado e vivido em “família”, e nas casas de cada um de vós!

Padre Fernando

## PÃO DE VIDA

Continuação da página 3

E ainda um belo vitral — *o pelicano* — que ilumina do alto a sua campara nessa mesma Capela, definindo tão bem o seu caminho em direcção à Luz, ao dar a sua vida, como confessou: *Suei sangue. Sei o que é ser mártir. Não afirmo que naqueles tempos de prova Cristo Jesus me tivesse aparecido e falado, como tantas vezes a Paulo. Não posso dizer. Mas senti o Seu bafo* [O Gaiato, n. 363, 8 Fev. 1958].



Quando há diálogo entre a Igreja e as artes, resplandecem centelhas do *Artista divino* nas obras feitas por mãos humanas. Em inúmeras revoluções, guerras e invasões, tem havido muitas pilhagens e destruições de obras de arte, enquanto outras heroicamente têm sido salvas da fúria humana e vencido séculos. Das telas espantosas dos pintores, mais ou menos conhecidos, ao labor incansável dos escritores monásticos, essas são vivas *expressões contra a tirania do tempo e o esquecimento dos homens*, na linha do Padre António Vieira. Foi Dostoiévski [1821-1881] quem escreveu: *a beleza salvará o mundo*. Segundo a nossa fé e de acordo com os *Santos Evangelhos*, a humanidade foi salva num único Sacrifício na cruz, com o derramamento do sangue de Cristo. O II Concílio do Vaticano, numa Mensagem aos artistas [8-XII-1965], dei-

## Padre Manuel António

O Padre Manuel António veio comigo para a Obra no mesmo ano, em 1957.

Encontrámo-nos, pela primeira vez, na inauguração da Capela do Calvário, o antigo e grande espigueiro onde secava o milho, transformado agora em Armazém do Pão da Vida.

Como o Padre Américo sorria ao ouvir o Sr. D. António Ferreira Gomes nesta bela transformação do espigueiro em capela. Como este Bispo nos encheu o coração com a sua palavra e o seu apreço.

Sáímos os dois sozinhos para a mata do Calvário a falarmos do ideal comum, cheio de sonho, de alegria e de entrega.

O Padre Manuel ficou quatro anos em Paço de Sousa, onde fez, com o Padre Carlos, uma amizade única. Eu vim para Setúbal quase começar a Casa, com mais experiência que o Padre Manuel, pois desde os 18 anos, passei as férias a trabalhar com os rapazes e o Padre Horácio na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Em 1961 o Padre Manuel foi para Benguela acompanhar uma casa de rapazes, e nessa mesma quinta construiu a nova aldeia que é hoje Casa do Gaiato de Benguela.

Lembro bem a vida dura por que passou. Dormia com os rapazes numa grande camarata, cujo cheiro nocturno eu não aguentei quando, de visita, estive com ele e fui dormir para a casa-mãe em obras, sem janelas nem portas e com as paredes em osso. Ele estava afeito ao sofrimento e dormia mesmo naquelas condições.

A sua heroicidade durante a guerra civil angolana foi uma epopeia.

De rapazes da rua abandonados, fez mais de dois mil homens para aquela Casa. Em Benguela o Padre Manuel tem fama de Santo entre o povo e os cristãos.

Poucas vezes veio a Portugal. A sua vida foi uma doação até à última gota de suor, sofrimento e entrega.

Chamámo-lo para que descansasse um pouco, que restabelecesse a saúde. Estava no Calvário com o Padre Telmo, o Padre Fernando e agora o Padre Alfredo.

O Senhor levou-o, depois de vencer a pandemia, para o Céu. Será, com os outros padres e as nossas senhoras, um intercessor.

Padre Acílio

xou bem claro o que importa mesmo dizer: *O mundo em que vivemos tem necessidade da beleza e para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração.*

\*\*\*

### P.S. — In Memoriam

Pelas 7:07h do dia 6 de Dezembro, Domingo gelado e chuvoso, tocou o telemóvel de serviço: o Padre José Alfredo deu-nos a triste notícia do passamento do Padre Manuel António, no Hospital Padre Américo — Penafiel, com 86 anos. Nesta hora de grande perda, mas com esperança na vida eterna, justifica-se plenamente uma breve nota biográfica. O Padre Manuel António da Silva Pereira nasceu a 20 de Janeiro de 1934, em S. Tiago de Bougado [na Trofa], filho de Lino da Silva Pereira e Elisa Dias da Silva. Concluída a sua formação no Seminário Maior do Porto, foi ordenado Presbítero em 4 de Agosto de 1957, na Sé Catedral do Porto, pelo Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes. Sendo marcado pelo carisma do Padre Américo, que conheceu pessoalmente, sentiu-se chamado e foi enviado para servir a Igreja na Obra da Rua. Assim, de início, colaborou na Casa do Gaiato de Paço de Sousa com o Padre Carlos Galamba. Depois, em Novembro de 1963, com um grupo fundador, partiu para Angola como responsável pela Casa do Gaiato de Benguela, que foi inaugurada em 5 de Janeiro de 1964, no Vale do Cavaco. Após a descolonização, as Casas do Gaiato de Benguela e de Malanje [fundada por Padre Telmo] foram nacionalizadas. Ainda conseguiu manter-se em Benguela, colaborando na Paróquia da Sé, mas teve de regressar a Portugal. Depois da sua vinda, também serviu a Obra da Rua como seu director [1987-1992]. Como as autoridades angolanas restituíram essas Casas do Gaiato e a pedido dos Bispos, o Padre Manuel António voltou novamente em Maio de 1992, para retomar a Casa do Gaiato de Benguela; na qual se manteve como responsável. De saúde precária, deixou essa Casa com o Padre Arnaldo Joaquim; e, no início de 2020, regressou a Portugal para repousar dos seus trabalhos. Ultimamente, viveu no Calvário [em Beire]. O Padre Manuel António colaborou no jornal *O Gaiato* com regularidade. Na sua vida de *Padre da Rua*, ao serviço dos pobres, é notória a sua entrega especialmente às crianças e aos adolescentes abandonados, em Angola: *os seus filhinhos!* Foi um homem de Deus e devoto de Nossa Senhora, cheio de espiritualidade, que no quotidiano e nos encontros de Padres chamava sempre para a Eucaristia e a Liturgia das Horas. Na véspera da Imaculada Conceição, da Capela dessa Casa, saiu o seu funeral para a igreja paroquial da sua terra natal, onde foi celebrada Missa de corpo presente, pelas 10 horas, com a participação de familiares, presidida pelo Bispo do Porto D. Manuel Linda, e concelebrada por vários Padres da Obra da Rua e ligados a essa Paróquia. Que descanse em paz! Sempre grato, pelo Batismo com o mesmo nome, em Cristo Jesus.

Padre Manuel Mendes